

III Colóquio Internacional de Exegese do Antigo Testamento "Interpretando Salmos"

Grupo de Pesquisa Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT)

Certeza, ambiguidade e Fé: O Conhecimento de Deus no Sl 139

(Luísa Maria Almendra)

1. Breve apontamento sobre a história de interpretação

O SL138 tem uma rica e diversa **história de interpretação**. Muito brevemente podemos referir que:

- Para J. Calvino (no seu comentário ao Livro dos Salmos) este Salmo aparece como *uma afirmação da inevitabilidade do julgamento de Deus*;¹ ou como as últimas palavras, com as quais alguns mártires afirmavam a sua inocência.² Na verdade, ambas as posições coexistem, as daqueles que o consideram um hino de louvor ao conhecimento total, à presença e ao poder de Deus, e as dos que o interpretam como um grito daquele para quem Deus é, por vezes, uma presença ambígua ou até mesmo opressiva.³

- Muitos autores têm descrito o género literário deste salmo como um hino, lamento, um texto didático ou como poesia sapiencial, um protesto de inocência... Outros, apoiando-se na arte-linguística do salmo sugerem que o seu autor tenha incorporado deliberadamente elementos divergentes e ambíguos.

Esta diversidade de interpretações pode ser interpretada, simultaneamente, como uma poderosa consciência de que qualquer interpretação por melhor que seja é sempre uma entre muitas possíveis.

Por isso, o objetivo desta apresentação não é defender uma ou outra posição, mas ler e observar a linguagem deste salmo, na sua riqueza e nos seus contrastes e ambiguidades, nomeadamente quando o salmista se dirige diretamente a Deus, cuja a presença é experimentada de ambos os modos: uma possível ameaça ou salvação.

¹ Cf. J. Calvino, *Commentary on the Book of Psalms* (trans. J. Anderson; Grand Rapids: Eerdmans 1949) 207-8.

² Segundo R.E. Prothero, *The Psalms in Human Life* (London: John Murray, 1909) 209, Blaise Pascal descreve a sua irmã na sua ida para a morte, juntamente com outras vítimas de perseguição, com as palavras do Salmo 139, nos seus lábios.

³ W. Harrelson, "On God's Knowledge of the Self, Psalm 139", *CurTM* 2 (1975) 261-265: "In this remarkable poem, we have a portrayal of a person for whom God is at once a glorious and na oppressive presence".

2. O que é que o Salmo nos afirma como “Certeza”?

. Numa primeira leitura do Sl 138 o eco que retemos é o de um testemunho de uma certeza mais do que uma ambiguidade. Na verdade, o poema expressa, sem qualquer dúvida, que Deus existe e que o salmista acredita ser conhecido por ele. O autor usa cuidadosamente os pronomes, repetições e merismas capazes de oferecer ao salmista a possibilidade de sublinhar a sua experiência do conhecimento penetrante de Deus.

1. A abertura do Salmo “(Oh!) Yhwh” foca o salmo na relação **Eu-Tu**, ou melhor na relação **Tu-Eu**. As palavras seguintes estabelecem a consciência que o salmista tem de ser conhecido e examinado por Deus (“Tu me examinas (תִּקְרָאֵנִי) e conheces”). O “tu” é enfático: “tu examinas / tu conheces”. Esta exclamação sugere uma relação pessoal, mais do que uma afirmação abstrata da omnipresença de Deus.
2. O verbo “conhecer” repete-se, sublinhando a intensidade do conhecimento de Deus: três vezes nos primeiros quatro versos, conjuntamente com os verbos “examinar”; “discernir”; “estar atento”.

¹ Ao director do coro. Salmo de David.

SENHOR, Tu me *examinas* e **conheces**,

² Tu **conheces** quando me sento e quando me levanto;
à distância *discernes* os meus pensamentos.

³ Vês-me quando caminho e quando descanso;
estás atento a todos os meus passos.

⁴ Ainda a palavra me não chegou à boca,
já Tu, SENHOR, a **conheces** perfeitamente.

לְמַנְצַח לְדוֹד מִזְמוֹר¹
יְהוָה תִּקְרָאֵנִי וְתִדְעַ:
אַתָּה יָדַעְתָּ שִׁבְתִּי
וְקוּמִי²
בְּנֹתָה לְרַעִי מֵרְחוֹק:
אַרְחִי וּרְבָעֵי זָרִית³
וְכָל־דַּרְכֵי הַסִּכְנֹתָה:
כִּי אֵין מְלָה בְלִשׁוֹנִי⁴
הוֹיָהוּ יָדַעְתָּ רַלְהִ:

Deus conhece toda a vida do salmista. O autor usa o merisma ao citar os dois polos – para dizer esta totalidade do conhecimento de Deus – “...quando me sento ou quando me levanto... quando caminho e quando descanso” (// Dt 6,7)... sugerindo um conhecimento interior e exterior. Na verdade, Deus conhece o salmista por dentro e por fora; os seus atos e pensamentos (v.2) e as suas palavras (v.5)... o salmista reconhece que ele nunca está fora da esfera de Deus. O Deus que tudo conhece está sempre presente. Nesta certeza, o próprio autor sugere a questão que ele coloca na sua boca, mais tarde no v. 7 “Para onde posso fugir”: para lado nenhum.

⁵ Tu me envolves por todo o lado
e sobre mim colocas a tua mão.

⁶ É um **conhecimento** profundo, que não posso compreender;
tão sublime, que o não posso atingir!

⁷ Onde é que eu poderia ocultar-me do teu espírito?
Para onde poderia fugir da tua presença?

⁸ Se subir aos **céus**, Tu lá estás;
se descer ao **mundo dos mortos**, ali te encontras.

אַחֲזֹר וְקָדַם צַרְתָּנִי⁵
וְתַשֵּׁת עָלַי כַּפְּכָה:
פְּלִיאָה [פְּלִיאָה] יָדַעְתָּ⁶
מִמֶּנִּי
נִשְׁגְּבָה לֹא־אוּכַל לָהּ:
אַנְהָ אֵלֶךְ מֵרְחוֹךְ⁷
אֲנֹה מִפְּנֵיךְ אֲבָרַח:
אִם־אֶסְקֶה שָׁמַיִם שָׁמַיִם⁸

O céu e o Sheol são um outro merisma para indicar que nem as alturas nem as profundezas do cosmo, nem qualquer um outro lugar entre eles, contêm um lugar onde o salmista se pode esconder de Deus (v.8).

Na referência às asas da aurora e aos confins do mar (v. 9), o autor desloca-se do cosmo para a terra e da noção vertical para a horizontal.

9 Se voar nas *asas da aurora*
ou for morar nos *confins do mar*

10 mesmo aí a tua mão há-de guiar-me
e a tua direita me sustentará.

11 Se disser: «Talvez as *trevas* me possam esconder,
ou a *luz se transforme em noite* à minha volta»,

12 nem as trevas me ocultariam de ti
e a noite seria, para ti, brilhante como o dia.
A luz e as trevas seriam a mesma coisa!

אֲשָׂא כְּנֹפֵי־שַׁחַר ⁹
אֲשַׁכְּנָה בְּאַחֲרֵית יָם:
גַּם־שָׁם יְדָךְ תִּנְחֵנִי ¹⁰
וְתֹאחֲזֵנִי יְמִינְךָ:
וְאָמַר אֶךָ־חֹשֶׁךְ יִשְׁוּפְנֵי ¹¹
אֲלֵי לַיְלָה אֹר בְּעֵדְנִי:
גַּם־חֹשֶׁךְ לֹא־יִחְשֵׂיךָ ¹²
מִמֶּךָ
וְלֵי לַיְלָה כְּיוֹם יֵאִיר

A imagem parece traçar **o curso do sol movendo-se nos céus** em direção ao oriente... Em alguns textos do Antigo Médio Oriente parece acreditar-se que o sol se punha completando o seu círculo no *mundo dos mortos*.

O poema começa a construir um contraste entre *os lugares da luz e da vida*, onde nós podemos esperar que Deus esteja presente, e os lugares *da morte ou do por do sol* onde a presença de Deus não é esperada (vv. 9-10). No entanto, surpreendentemente, o autor sugere que também no Sheol, Deus está presente (vv. 11-12).

A imagem do sol que se move nos céus é temporal e espacial. Desde o amanhecer até ao fim do dia, Deus está inevitavelmente lá. A presença inescrutável de Deus estende-se ao tempo e ao espaço no seu todo. Ninguém pode escapar ou esconder-se.

Enquanto o vocabulário e a sintaxe dos vv.11-12 apresentam alguns problemas, é claro que o autor primeiro imagina, mas depois rejeita qualquer tentativa de se evadir de Deus. No final, apenas resta o desejo do salmista, que aspira a que a escuridão seja como uma luz. Porém reconhecendo que todo o esforço de se esconder é vão; a luz e escuridão, o dia e noite, são o mesmo para Deus.

3. O que é que o Salmo nos afirma como “Ambiguidade”?

O salmo não expressa qualquer ambiguidade em relação ao conhecimento da presença de Deus e isto parece ser precisamente o problema. O salmista experimenta a impossibilidade de escapar à presença de Deus como uma possibilidade salvífica, porém simultaneamente, também, como um potencial ameaçador. Quem é Deus: um juiz implacável ou um guia que sustém; um inimigo ou um amigo? O autor escolheu as palavras muito cuidadosamente, de modo a sublinhar uma resposta humana ambivalente à misteriosa experiência do poder divino.

Repete constantemente palavras com uma conotação negativa que se opõem a termos positivos, que expressam o mesmo fenômeno. Esta ambivalência já estava presente no início do salmo. O verbo *examinar* (חָקַר - *Hqr*) contém um potencial ameaçador. Quando é usado, metaforicamente, indica o agir em ordem a estabelecer a verdade, num caso jurídico.⁴

Enquanto o termo “conhecimento” (יָדָעַי yada’), se pode referir a um julgamento (Sl 73,11), a maior parte das vezes a expressão “Deus conhece” uma pessoa ou uma nação orienta-se sobretudo para um restabelecimento ou cura. Nos salmos de lamento, aquele que reza evoca o conhecimento divino com a finalidade de motivar Deus a agir em seu favor (cf. Sl 31,7; 69,5.19; 142,3).

A dimensão de ambivalência, no Sl 139, aparece no v. 3 na tradução de תִּרְיֵא “tu vêes”; uma tradução pouco literal e benévola, de uma raiz hebraica cujo o significado literal é dispersar, espalhar (cf. Sl 44,11 “...dispersaste-nos entre os pagãos”; Sl 106,26-27). O uso desta raiz cria uma ambivalência no uso da raiz verbal seguinte (יָכַר – *skn ser familiar a*), que atribui um sentido positivo de “estar atento, ao serviço...”.

A ambivalência de linguagem continua nos vv. 7-12, quando o salmista considera a eventual possibilidade de escapar à presença de Deus. A sensação de estar sobre a pressão de uma presença ambígua de Deus, o salmista deseja fugir, tal como Jacob desejou fugir do seu irmão, ou Hagar da sua senhora, ou ainda Jonas de Deus. Porém, em todos uma fuga impossível. Mesmo nas maiores profundezas do mar, a mão de Deus comanda, tal como o pastor comanda as suas ovelhas, ou mesmo as agarra (agarrar), do mesmo modo que alguém agarra um prisioneiro. Para o bem ou para o mal, a mãos de Deus guia (יָנַחְנִי) e agarra (יָצַחְנִי).

Juntamente a este uso de termos opostos, o autor sugere, também, uma dupla experiência do conhecimento de Deus através de frases deliberadamente ambíguas.⁵ Surpreendentemente, esta linguagem ambígua torna-se um lugar particularmente ambíguo de experiência do Deus único. Esta ambiguidade está especialmente presente no v. 5 (*Tu me envolves por todo o lado e sobre mim colocas a tua mão*). A raiz verbal (צָוַר *cwr*) é usada, no hebraico bíblico, para referir a proximidade da mão junto de algo valioso. No entanto, o seu significado básico é *cercar*. A semelhança entre o som desta raiz com o de (צֹר *cûr* – rocha) transforma-a numa imagem comum de proteção divina. Esta assonância prolonga-se, ainda, à raiz צָר - criar, formar, modelar (v. 16). Deus cerca o salmista, ou melhor ainda, protege-o/recria-o. O próprio gesto de “colocar as mãos”, pode ter um duplo significado de bênção ou proteção (cf. Gn 48,14; Ex 33,22), ou de hostilidade (Jb 13,21). A mão de Deus. Pode ser ambos: sinal do poder de Deus que abençoa ou pune.

A ambiguidade que o salmista faz da experiência de Deus é amplamente expressa no v. 6 (É um **conhecimento** profundo, que não posso compreender; tão sublime, que o não posso atingir!). Este v.6 faz uma declaração sobre o conhecimento de Deus, mas de que tipo? O adjetivo פְּלִיאָה – *maravilhoso*

⁴ Cf. M. Tsevat, חָקַר - *Hqr*, *TDOT*, 5:148-150.

⁵ Cf. R. Raabe, “Deliberate Ambiguity in the Psalter”, *JBL* 110 (1991) 213-227.

aparece em Jz 13,18 (no ms.), onde o nome de Deus é descrito também como demasiado פְּלִיאָה para o ser humano conhecer e sobreviver. No entanto, esta raiz pode significar “maravilhoso” ou “difícil”, e quer em Jz 13 quer no Sl 139,6 ela parece poder assumir ambos os significados. A última parte do v.6 é também muito ambígua (לֹא-אֶזְכֹּר לָהּ). A tradução “eu não o posso atingir” é a mais comum. Porém, a raiz יִכַּל com a preposição ל seguida de um pronome invoca contextos adversos, relacionados com a capacidade ou falta dela, para vencer o adversário (cf. Gn 32,25; Nm 13,30; Jz 16,5; Sl 129,2...). Na verdade, este v. 6 é genuinamente controverso. Ele pode conter em si mesmo dois significados. A tradução mais comum: “O (seu) conhecimento é demasiado maravilhoso para mim; tão alto que o não posso atingir”; porém pode igualmente traduzir-se como “Tal conhecimento é demasiado difícil para mim; é tão alto que eu não posso prevalecer contra ele”.⁶

Conclusão: A primeira parte do salmo transmite o conhecimento de Deus e da sua presença perante o salmista como uma certeza e algo intensamente pessoal, mas também como uma “dupla-face” / “espada de dois gumes”. Tal como W. Harrelson escreve, este salmo “presents to us that familiar ambivalence that faithful feel toward the God who is at once their very life and breath and also their scourge and nemesis”.⁷ Citando, ainda, J. Plaskow’s este salmo “names the power in the world that makes us know our vulnerability”.⁸

4. Da ambivalência ao mistério e da ambivalência à confiança.

Os dois temas - conhecimento de Deus e a proximidade ineludível de Deus – continua na terceira parte do salmo, nos vv. 13-18. No entanto, é possível notar uma certa deslocação do salmo de uma ambivalência, vizinha ao medo, para a confiança.

- 13 Tu modelaste as entranhas do meu ser e formaste-me no seio de minha mãe.
- 14 Louvo-te por tão espantosas maravilhas; admiráveis são as tuas obras.
- 15 Quando os meus ossos estavam a ser formados, e eu, em segredo, me desenvolvia, tecido nas profundezas da terra, nada disso te era oculto.
- 16 Os teus olhos viram-me em embrião. Tudo isso estava escrito no teu livro. Todos os meus dias estavam modelados, ainda antes que um só deles existisse.
- 17 Como são insondáveis, ó Deus, os teus pensamentos! Como é incalculável o seu número!
- 18 Se os quisesse contar, seriam mais do que a areia; e, se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo.

13 כִּי־אַתָּה קִנִּיתָ כְּלִי־יָי
תִּסְכְּנִי בְּבֶטֶן אִמִּי:
14 אֹדוֹךָ עַל כִּי נִרְאֹת נִפְלְיֹתֵי נִפְלְאִים מַעֲשֶׂיךָ
יִנְפְּשִׁי יִדְעֵת מְאֹד:
15 לֹא־נִכְחַד עֲצָמֵי מִמֶּךָ אֲשֶׁר־עֲשִׂיתִי בֶּטֶן
רִקְמָתִי בְּתַחְתֵּי־אָרֶץ:
16 גְּלָמִי אִ רְאִו עֵינֶיךָ וְעַל־סִפְרֶךָ כֻּלָּם יִכְתְּבוּ יָמִים
יָצְרוּ
וְלֹא [וּ] [לֹו] אֶחָד בָּהֶם:
17 וְלִי מִה־יִּקְרוּ רַעֲיָה אֵל
מִה עֲצָמוֹ רָאשֵׁיהֶם:
18 אֲסַפְּרָם מִחוּל יִרְבּוּן
הַהִילָחִי וְיִוְדִי עִמָּךְ

⁶ Curiosamente, na NJPSV (Tanak) mantém a ambiguidade: “It is beyond my knowledge, it is a mystery; I cannot fathom it”.

⁷ Cf. W. Harrelson, “On God’s Knowledge of the self”, 263.

⁸ Cf. J. Plaskow, “Facing the Ambiguity of God”, *Tikkun* 6 (1991) 70-96.

A presença ineludível de Deus e o discernimento que o salmista faz de Deus, como escuridão e luz, parecem tornar-se evocadores do lugar onde a vida começa. O salmista evoca que Deus estava já criativamente presente no ventre materno (cf. Sl 71,6), recordando esta presença como uma modo de renovar a confiança e a esperança. O Sl 22,9-10 chega mesmo a descrever Deus como uma parteira que encoraja aquele que se lamenta e um Deus que age afirmando a responsabilidade de Deus para com a sua criatura. Em Is 44,2; 46,3-4 e 66,8-9 Deus lembra Judá que o fundamento da esperança é aquele que forma, sustenta e liberta o povo do ventre:

Is 44,2 Eis o que diz o Senhor que te criou,
que te formou desde o seio materno e te socorre:
«Nada temas, Jacob, meu servo...

46,3 Ouvi-me, casa de Jacob,
e vós todos, sobreviventes da casa de Israel,
vós a quem Eu trouxe ao colo desde o vosso nascimento,
desde que a vossa mãe vos deu à luz.

Is 66,8 Quem jamais tal coisa ouviu?
Quem jamais viu coisa semelhante?
Porventura gera-se um povo num só dia?
Ou uma nação nasce de uma só vez?
Mas Sião, mal sentiu as contrações,
deu à luz os seus filhos.

9 Sou Eu quem abre a matriz
e não iria deixar que ela dê à luz?
– diz o Senhor.

Se sou Eu quem faz nascer,
iria impedi-la de dar à luz?

No Sl 139,13-18 nós temos algo de semelhante: o reconhecimento de que Deus criou e conhece o salmista desde o ventre materno, transformando a experiência do conhecimento de Deus numa inevitável presença.

Percorrendo os vv. 13-18 nós encontramos, igualmente, as palavras e expressões ambíguas da primeira parte do salmo, porém ela agora são um puro louvor proferido: “Louvo-te pelas espantosas maravilhas; admiráveis são as tuas obras” (v.14); estabelecendo um eco do v. 6 no uso da raiz. Porém, agora ao afirmar “louvo-te”, o salmista explicita que aquilo que experimentou antes como maravilhas e dificuldades/poder agora ele vê como uma clara maravilha.

Na primeira seção do poema, o salmista alude a que Deus coloca uma barreira por detrás e pela frente. Agora, a memória da criação de Deus conduz o salmista ao louvor por tudo o que Deus fez nele (v.16). O conhecimento de Deus alarga-se do presente às origens do salmista, ao momento da sua conceção: a experiência ambígua, é transformada e evocado como uma presença amorosa criadora. As palavras que poderiam assumir uma conotação negativa são retomadas como imagens de vida e de proteção. Aquilo que faz o salmista deter-se maravilhado é o facto de Deus entrelaçar o a existência do ser humano com a sua existência no ventre materno (v.13), e o facto de tecer estas duas realidades complexas nas profundezas da terra (v.15 “Quando os meus ossos estavam a ser formados, e eu, em segredo, me desenvolvia, tecido nas profundezas da terra, nada disso te era oculto”). Na verdade, é possível estabelecer um paralelo entre as profundezas da terra, com a noção mítica da criação da humanidade, ou simplesmente considera-la uma metáfora do ventre materno.

Não há dúvida que aqui aquilo que o autor pretende evocar é como lugar escondido é o domínio da vida; o lugar secreto onde Deus forma o ser humano. A vida que se recebe no ventre materno sugere a presença de Deus como providência e não como julgamento. Por isso, longe de desejar a possibilidade de esconder-se de Deus (vv. 11-12), no v. 16 o salmista reconhece que os olhos de Deus o viram como algo ainda informe que era necessário trazer à vida. De um modo semelhante, o

salmista aprendeu a reconhecer a presença de Deus, da qual não pode escapar, como algo clearly positivo. Na primeira parte do poema não existe lugar (vv. 7-10) e não existe tempo (vv. 11-12) para onde o salmista possa escapar da presença de Deus. No v. 16, o autor alegra-se porque não existem dias fora do cuidado providencial de Deus. Ambos nascimento e morte estão diante de Deus.

Porém, enquanto, os vv. 13-16 revisitam os dias do nascimento do salmista, o v. 18 antecipa a sua morte (Se os quisesse contar, seriam mais do que a areia; e, se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo). A ambivalência dilui-se não na certeza, mas na confiança. Tal como o v. 6 o v. 18 fala diretamente ao conhecimento que o salmista tem de Deus e aos limites desse conhecimento. No v. 6 o autor reconhece que o conhecimento divino é tão poderoso para o ser humano para que possa ser atingido. No v. 18 o salmista declara que os pensamentos de Deus são tão vastos que o ser humano não os pode compreender. No entanto, enquanto antes o salmista se sentia incapaz perante o conhecimento de Deus, no v. 18 os pensamentos incontáveis de Deus são “preciosos”. O autor utiliza, também, aqui (v. 17) um termo ambíguo יָקָרָה - *yakarû* - *preciosos*. Esta palavra parece poder assumir dois significados diferentes. A influência aramaica atribui-lhe o significado de “peso”, porém o significado primeiro em hebraico é o de “precioso ou querido”.⁹

Diferentemente do v. 6, porém, a ambiguidade dos pensamentos de Deus no v. 18 sugerem não a relação ambígua de Deus com o salmista, mas o mistério imensurável, que é simultaneamente profundo e querido. Na verdade, esta parte do salmo termina com uma frase também ela ambígua. A expressão “*Se eu chegar ao fim..*” pode aludir à tentativa do salmista de querer contar os pensamentos de Deus ou ao fim da vida do salmista.¹⁰ Em qualquer um dos casos, subentende-se a presença de Deus (“estaria ainda contigo”). A ambivalência encontra uma solução na relação confiante. A espada de dois gumes é transformada na confiança, pela memória da intimidade do ventre materno.

5. Certeza e o círculo completo

O tom desloca-se de novo nos vv. 19-24. Tal como acontece frequentemente nos salmos, a confiança abre a possibilidade de pedido. A primeira coisa que o salmista pede é a morte dos malvados. Este pedido é tão inesperado e forte que numerosos autores sugerem tratar-se de um acrescento posterior, que não faria parte do salmo originalmente. De qualquer modo, ainda que a referência aos inimigos possa ser perturbadora, ela é constitutiva da linguagem dos salmos, como um sinal de desejo de justiça. Porém, no Sl 139 esta referência parece conter algo mais. Ela parece indicar um movimento no salmista para a sua relação com Deus. Nos vv. 1-12 Deus emerge como o outro, possivelmente, uma rocha ou um refúgio, mas também certamente como barreira ou

⁹ Cf. *BDB* 429; *HALOT* 2:431-432.

¹⁰ Cf. P.D. Miller, *Interpreting the Psalms*, 148-149.

presença controladora. Agora no final do salmo, o inimigo já não é a divindade, mas o malvado. Agora o salmista procura juntar-se a Deus, odiando aqueles que o rejeitam.

- 19 Ó Deus, faz com que os ímpios desapareçam;
afasta de mim os homens sanguinários.
- 20 Aqueles que maldosamente se revoltam,
em vão se levantam contra ti.
- 21 Não hei-de eu, SENHOR, odiar os que te odeiam?
Não hei-de aborrecer os que se voltam contra ti?
- 22 Odeio-os com toda a minha alma.
Considero-os como meus inimigos.
- 23 Examina-me, SENHOR, e **conhece** o meu coração;
põe-me à prova e **conhece** os meus pensamentos.
- 24 Vê se é errado o meu caminho
e guia-me pelo caminho eterno.

19 אִם-תִּקְטֹל אֱלֹהִים רָשָׁע
וְאִנְשֵׁי דָמִים סוּרוּ מִנִּי:
20 אֲשֶׁר יִאמְרוּ לַמִּזְמָה
נִשְׂא לְשׂוֹא עֲרִיר:
21 הֲלוֹא-מִשְׂנְאִיךָ יְהוָה אֲשַׁנָּא
וּבִתְקוּמָתְךָ אֶתְקוּטָה:
22 תִּכְלִית שְׂנְאָה שְׂנְאֵתַיִם
לְאִוִּיִּים הָיוּ לִי:
23 חִקְרֵנִי אֵל וְדַע לִבִּי
בְּחֻנֵּי וְדַע שְׂרַעְפֵּי:
24 וְרֵאָה אִם-דַּרְךְ-עֲצָב בִּי

Num contexto de debate sobre ambiguidade e certeza, os vv. 19-24 funcionam como um aviso. Nos vv. 19-22 a ambiguidade é resolvida não pela confiança, mas pela certeza. A distância entre Deus e o salmista colapsa. Esta certeza parece arriscada, i. é facilmente possível de ser considerada uma desculpa para absolutizar a própria perspectiva e interesse do salmista, ou até mesmo uma justificação de violência contra os outros que pensam de modo diferente. Para aqueles que, ao contrário do salmista, têm o poder de agir, a certeza é especialmente perigosa.

Os últimos dois versículos (vv. 23-24) blur the Sharp line que os vv. 19-22 tinham desenhado entre o salmista e os malvados. O Salmista abandona a sua justiça para considerar a possibilidade de, também ele, poder caminhar de um modo errado. O centro do pedido deixa de ser os inimigos, virando-se para a relação com Deus. A linguagem destes versículos constitui um eco extraordinário aos versículos iniciais do salmo. Um exemplo significativo é o uso dos verbos examinar e conhecer. No entanto, o tom agora apreça ser outro. No início do salmo, estes verbos eram essencialmente declarativos, utilizados pelo salmista que se viam a si mesmo como objeto de uma presença atenta de Deus. No final do salmo, os verbos emergem na forma de imperativo, sugerindo o desejo que o salmista tem de participar neste agir de Deus.

Conclusão: O autor do Sl 139 utiliza uma série de termos significativos, através dos quais ele tece certeza e ambiguidade, mistério e confiança. Através do espaço criador e envolvimento de Deus no ventre materno, o salmista encontra o caminho, não para a certeza, mas para a confiança. Olhando para esta memória de intimidade, aquilo que parecia uma indagação divina torna-se uma divina solicitude. O mistério não é eliminado; o ser de Deus mantém-se incompreensível e por definir. Os pensamentos de Deus são incontáveis como a areia. Porém, uma coisa é certa, e o salmista faz questão de o deixar bem claro, o salmista conhece a presença confiante de Deus (se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo v. 18b).